

INTERCÂMBIO E SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS DE MULHERES

SCHOTTZ, Vanessa. Grupo de Trabalho Mulheres da ANA. vanessa@fase.org.br;
CARDOSO, Elisabeth. Grupo de Trabalho Mulheres da ANA. beth@ctazm.org.br.

RESUMO

Em 2008, o Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação de Agroecologia iniciou na Região Nordeste o Projeto de Intercâmbio e Sistematização de Experiências. Foi desenvolvida uma metodologia participativa que teve como propósito estimular que o processo de sistematização de experiências fosse realizado pelas próprias agricultoras e técnicas das organizações. Com base nos relatos dos trabalhos desenvolvidos pelas organizações com mulheres e agroecologia e visitas de intercâmbio foi construído coletivamente um roteiro com questões importantes sobre a vida das mulheres na agroecologia e cada organização definiu os formatos e instrumentos de sistematização. O Projeto teve como objetivos: dar visibilidade às experiências das mulheres na agroecologia; fortalecer a capacidade das mulheres de refletir sobre suas próprias experiências e; criar referências, a partir da sistematização do trabalho das mulheres na agroecologia, para a formulação de políticas públicas. Foram sistematizadas 23 experiências protagonizadas por mulheres na agroecologia.

Palavras-chave: Metodologia participativa; mulheres e agroecologia; sistematização.

Contexto

As mulheres têm papel fundamental na construção da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e chamam a atenção para uma forma de fragmentar e hierarquizar o trabalho: a divisão sexual do trabalho entre o trabalho produtivo e reprodutivo. O trabalho reprodutivo, ou seja, todo o trabalho que as mulheres realizam em casa e nos quintais - cuidando dos filhos, companheiros, pais, garantindo o alimento, a água e o bem estar - é invisível ou não é considerado como trabalho. A agroecologia, ao considerar todos os componentes do sistema de produção, tem o potencial de contribuir para dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, que é fundamental para a sustentabilidade do sistema e para a reprodução familiar.

Considerando a importância desse debate dentro da ANA, foi criado em 2004, o Grupo de Trabalho Mulheres da ANA (GT Mulheres), que atualmente é formado por representantes de 40 organizações entre movimentos sociais do campo, movimentos de mulheres rurais, ONGs agroecológicas mistas que trabalham com grupos de mulheres e ONGs feministas que promovem a agroecologia, distribuídos pelas diversas regiões do país.

O GT Mulheres tem como objetivos principais organizar a ação das mulheres na ANA, dar visibilidade ao papel das mulheres na agroecologia e definir estratégias de construção de políticas públicas a partir do fortalecimento das experiências das mulheres no campo agroecológico nos diferentes contextos sócio-ambientais do país.

Descrição da Experiência

A sistematização e intercâmbio de experiências agroecológicas protagonizadas por mulheres se configuram em uma das principais estratégias adotadas pelo GT. O incentivo à sistematização e reflexão sobre as experiências, bem como a promoção de eventos de intercâmbio entre agricultores/as e técnicos/as e de troca de experiências no plano metodológico são um dos principais instrumentos de fortalecimento da agroecologia ao nível local. Os intercâmbios envolvem projetos e atores diferenciados, possibilitando que as múltiplas redes interajam para conhecer e debater diferentes estratégias de gestão de processos de promoção do

desenvolvimento, refletindo sobre a prática, organizando os conhecimentos produzidos e fecundando-se mutuamente, ampliando a eficiência de cada uma.

O amplo acúmulo de experiências inovadoras muito diversificadas por agroecossistema e por tipo de produtor é considerado pela ANA como a principal fonte de referências para a discussão dos impactos, positivos e negativos, das políticas públicas sobre a sustentabilidade dos sistemas produtivos familiares e para a formulação de novas políticas estimuladoras da transição à agroecologia.

O Projeto “Intercâmbio e Sistematização de Experiências Agroecológicas de Mulheres”, iniciado em 2008, tem como objetivos: dar visibilidade às experiências das mulheres na agroecologia; construção de metodologia participativa de sistematização, fortalecendo a capacidade das mulheres de refletir sobre suas próprias experiências; refletir, a partir das experiências, sobre o papel das mulheres na construção da agroecologia e o papel da agroecologia na vida das mulheres; criar referências, a partir da sistematização do trabalho das mulheres na agroecologia, para a formulação de políticas públicas.

A proposta é de que a sistematização das experiências seja feita pelas próprias agricultoras e técnicas das organizações. Por isso, não é definido um formato único para fazer a sistematização, a idéia é construir conjuntamente com as mulheres uma proposta de roteiro que aponte questões importantes sobre a vida das mulheres na agroecologia e que precisariam ser aprofundados, e cada organização define como responder ao roteiro de sistematização.

Os grupos são estimulados a utilizar formatos e instrumentos de sistematização variados, o que é comum a todas as experiências é o roteiro com as questões para a sistematização. A nossa proposta é respeitar o tempo e os estágios distintos das organizações e a reflexão diversa das experiências sobre os temas da agroecologia e do feminismo.

O projeto foi iniciado em março de 2008 em Pernambuco, com a participação de organizações de Minas Gerais e da região Nordeste e contou com as seguintes parcerias: GT Mulheres da ANA Nacional; GT Mulheres da ANA - Pernambuco; Action Aid Brasil; Action Aid Américas e Heifer.

O primeiro passo para a implementação do projeto foi a formação de uma “*Comissão Local*” que *identificou* as organizações/movimentos que participariam do processo de sistematização. Esse grupo também construiu a proposta de metodologia e de programação para a 1ª oficina de intercâmbio e sistematização de experiências.

A Oficina, realizada em Afogados da Ingazeira (PE), em março de 2008, contou com a participação de 60 mulheres (três por organização ou movimento), sendo uma técnica/assessora e duas agricultoras/agroextrativistas/quilombolas por cada organização, e teve os seguintes objetivos: (i) conhecer e refletir sobre as experiências com mulheres e agroecologia que cada organização desenvolve; (ii) refletir sobre o papel da sistematização para a vida das mulheres e das organizações; (iii) construir de forma conjunta uma proposta de roteiro de sistematização de experiências.

Cada organização apresentou brevemente sua experiência com mulheres e agroecologia e foram visitadas três experiências no Sertão do Pajeú acompanhadas pela Casa da Mulher do Nordeste e pelo Centro Sabiá. É fundamental a realização de visitas de intercâmbio às experiências locais protagonizadas por mulheres para contribuir com a reflexão sobre o papel das mulheres na construção da agroecologia, assim como, o papel da agroecologia na vida das mulheres. Os debates sobre as experiências das próprias mulheres que participaram do processo e das

experiências visitadas no intercâmbio é que trouxeram os elementos para o roteiro de sistematização. A reflexão feita pelas participantes foi: *“Quais as questões fundamentais para o movimento de mulheres e para o movimento agroecológico que as experiências apontam e que devem ser evidenciadas num processo de sistematização?”* A partir dessa reflexão é que foi construído o roteiro de sistematização.

Ao final da 1ª oficina, os grupos foram convidados a dar continuidade ao projeto na etapa de sistematização. Durante o período de março a novembro, cada grupo / organização / movimento desenvolveu o seu próprio processo de sistematização. Para acompanhar essa etapa, foi formada uma *“Comissão de Metodologia”* que incluiu a participação de agricultoras e técnicas e que monitorou o andamento do processo de sistematização, contribuindo no que fosse necessário. Ao longo do processo, identificamos algumas organizações/movimentos que não tinham assessoria, nem experiência em sistematizar, sendo necessárias algumas visitas de acompanhamento *in loco* da Secretaria Executiva do GT Mulheres da ANA.

Após o período de sistematização, foi realizada a 2ª oficina em Cabo de Santo Agostinho, Zona da Mata de Pernambuco, cujo formato e metodologia foram construídos de forma conjunta pela Comissão de Metodologia.

A oficina teve como principais objetivos: (i) socializar os processos e as experiências sistematizadas pelas organizações; (ii) avaliar a metodologia de sistematização; (iii) refletir sobre os temas estratégicos: violência, autonomia política e financeira, inovações na divisão sexual do trabalho e protagonismo juvenil. A escolha desses temas se deu a partir do levantamento inicial sobre as experiências que estavam sendo sistematizadas pelas organizações e das questões que foram apontadas na I Oficina como estratégicas e inseridas no roteiro de sistematização.

Também na 2ª oficina foram realizadas visitas de intercâmbio para que as mulheres pudessem exercitar um novo olhar sobre experiências agroecológicas de mulheres a partir das sistematizações feitas.

Durante a oficina, o conjunto das experiências sistematizadas foi analisado, tendo sido identificados elementos comuns e pontos importantes para a reflexão sobre mulheres e agroecologia. Depois, foi estipulado um novo prazo para que as experiências tivessem a oportunidade de incorporar novos elementos à sistematização, a partir do debate realizado na 2ª Oficina.

A proposição da metodologia foi inovadora, pois foi criada de acordo com as possibilidades que as organizações tinham. O acompanhamento das organizações durante a etapa de sistematização colaborou para que ela fosse bem sucedida, já que todas as organizações participantes sistematizaram ao menos uma experiência, mostrando que a metodologia de fato propiciou envolvimento e participação das técnicas e das agricultoras nesse processo. Ao todo foram sistematizadas 23 experiências agroecológicas protagonizadas pelas mulheres.

Foram sistematizadas experiências de grupo de mulheres ou experiências individuais, mas com foco em algum movimento ou trabalho coletivo. As participantes consideraram que o roteiro proposto contribuiu para aprofundar o olhar sobre alguns temas relacionados ao cotidiano de vida das mulheres, como violência, autonomia, divisão do trabalho e também chamou a atenção para a importância de se regatar as trajetórias de vida e a história dos grupos.

Resultados

Os formatos e instrumentos utilizados pelas organizações foram muito diversificados, como:

Resumos do VI CBA e II CLAA

intercâmbio de cartas, confecção de murais, oficinas, entrevistas, poesias, visitas, vídeos. As mulheres consideraram que as metodologias empregadas para a sistematização propiciaram a participação do coletivo de mulheres em todo o processo. Elas relataram que o processo despertou o desejo de outras mulheres e outros grupos em continuarem sistematizando outras experiências.

De uma forma mais ampla, as participantes do projeto avaliaram que a sistematização das experiências agroecológicas de mulheres contribuiu para as organizações/movimentos que participaram do processo, nos seguintes pontos:

Fortaleceu a capacidade das mulheres em refletir sobre suas próprias práticas e a partir do contexto em que estão inseridas.

Promoveu a liberdade de expressão e foi capaz de trazer a complexidade e a diversidade das estratégias desenvolvidas pelas mulheres para a superação das situações de opressão;

Propiciou às mulheres expor os sentimentos e as angústias, a troca de desafios e de histórias de superação;

Deu visibilidade ao papel protagonista das mulheres na construção da agroecologia;

Contribuiu para o resgate da auto-estima, pois ao falar de suas trajetórias foi possível dar visibilidade a um conjunto de atividades que são desconsideradas por sua comunidade, por seus companheiros e por seus filhos.

O processo de sistematização realizado a partir de atividades coletivas fortaleceu as redes e os laços de solidariedade entre as mulheres;

Estimulou a participação de organizações que não tinham prática de sistematizar. Elas se sentiram convidadas a refletir e experimentar;

Permitiu a quantificação da produção das mulheres e do volume de comercialização, o que é considerado como estratégico para consolidar a sustentabilidade da produção.

Possibilitou transcender ao olhar meramente técnico sobre as experiências, incorporando outras dimensões importantes para a agroecologia, como as relações sociais, a divisão de trabalho, a autonomia política, entre outros aspectos que fazem parte da vida pública e privada das mulheres.

Contribuiu para orientar as estratégias e metodologias de assessoria técnica às experiências agroecológicas de mulheres.

Fortaleceu a capacidade das mulheres em refletir sobre suas próprias práticas e a partir do contexto em que estão inseridas.

Em 2009, o Projeto está sendo desenvolvido nas Regiões Sul e Amazônica.